

Robert Wallerstein: um psicanalista para todas as estações

Cláudio Laks Eizirik, Porto Alegre*

O autor traça um perfil da trajetória psicanalítica de Robert Wallerstein, destacando suas principais contribuições aos terrenos da teoria, da pesquisa, das relações com a psicoterapia e da atividade institucional, examinado criticamente alguns desses aspectos, ilustrando-os com lembranças do seu convívio pessoal.

Palavras-chave: psicanálise, o solo comum da psicanálise, pesquisa psicanalítica, psicoterapia de orientação analítica.

* Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Professor titular do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal, UFRGS.

Há alguns anos, ao escrever a apresentação de um livro celebrando a obra psicanalítica de Robert Wallerstein, recordei-me de uma peça inglesa, escrita por Robert Bolt e transformada em filme em 1966, cujo título era justamente *Um homem para todas as estações*. A peça e o filme se baseiam no primeiro ministro inglês Thomas More, que viveu no século XVI e entrou em conflito com o rei Henrique VIII por recusar-se a apoiá-lo em seu propósito, de se divorciar da esposa que não lhe dava um filho, para casar-se com Ana Bolena. Thomas More é retratado como um homem de princípios, íntegro, amado pelo povo e por sua família, mas invejado por rivais como Thomas Cromwell (Eizirik, 2007).

Agora que perdemos a presença física de Bob Wallerstein, como era chamado por todos aqueles que com ele trabalharam e conviveram, no final de 2014, mais uma vez me parece cair-lhe como uma luva a caracterização de um psicanalista para todas as estações. Sua extraordinária trajetória psicanalítica inclui praticamente todos os domínios de nossa disciplina: a prática clínica, contribuições teóricas, o ensino, a supervisão, a pesquisa, o trabalho institucional em todos os níveis, acrescidos de capacidade de liderança, organização, criatividade, síntese e um genuíno gosto por conhecer colegas de todas as partes do mundo e com eles conviver de uma maneira a um tempo afável e determinada que o tornam um personagem central do desenvolvimento da psicanálise em sua centenária história.

Tentar traçar seu perfil é uma maneira de compartilhar com os colegas de minha geração e das mais próximas algo do estímulo e inspiração que ele nos proporcionou e, ao mesmo tempo, para os colegas mais jovens, contar-lhes uma história de dedicação à psicanálise. Wallerstein nasceu em Berlim, em 1921, onde seu pai realizava residência médica, mas a família se mudou para Nova Iorque dois anos depois. Segundo seu próprio relato, sempre se imaginou seguindo a carreira do pai, tendo feito seus estudos médicos na Universidade de Colúmbia. Depois de dois anos no exército, fez a residência em psiquiatria no Mount Sinai Hospital, em Nova Iorque. Realizou a formação analítica na Fundação Menninger, em Topeka, Kansas, na qual, mais tarde, tornou-se Diretor de Pesquisa e do projeto longitudinal de pesquisa em psicoterapia. Mudando-se para São Francisco em 1966, tornou-se analista didata do Instituto Psicanalítico de São Francisco, além de ter lecionado e ocupado todos os cargos relevantes no Departamento de Psiquiatria da Universidade da Califórnia. Ao longo de sua carreira, Wallerstein publicou 20 livros e mais de 400 trabalhos relevantes nos principais periódicos psiquiátricos e psicanalíticos internacionais. Em termos institucionais, presidiu tanto a Associação Psicanalítica Americana quanto a Associação Psicanalítica Internacional (1985-1989).

De uma vida e de uma obra de tal magnitude, só é possível pinçar alguns aspectos ou momentos mais significativos; destacarei, pois, aqueles que me parecem os de maior impacto e influência sobre o curso da psicanálise. A pesquisa psicanalítica deve muito de sua presença e seu papel na comunidade internacional ao trabalho pioneiro e estimulante de Wallerstein. Desde logo ele entendeu que a presença da psicanálise na universidade, cada vez mais dificultada, passava pelo trabalho de pesquisa e pelo uso de métodos científicos que permitissem o diálogo com os demais setores da saúde mental.

Dentre suas inúmeras contribuições ao campo da pesquisa psicanalítica, talvez a mais relevante tenha sido o Projeto de Pesquisa em Psicoterapia da Fundação Menninger, que teve início na década de 50 e foi detalhadamente relatado no seu livro *Quarenta e duas vidas em tratamento* (1986). Esses quarenta e dois pacientes foram estudados em profundidade ao longo de vários anos, sendo que a metade deles realizou tratamento analítico e a outra metade psicoterapia analítica ou de apoio. Cerca de 150 variáveis foram examinadas, relativas ao paciente e sua situação de vida (por exemplo, ansiedade e sintomas, fatores do ego, fatores motivacionais e relacionais, desencadeantes de conflitos, suporte material e interpessoal, capacidade de mudança) e ao tratamento (por exemplo, a técnica adotada, temas discutidos, objetivos, habilidades do terapeuta, modificação global, resolução da transferência) no início, no final do mesmo e dois anos após a terminação. Cada sessão foi documentada através de relatos dialogados, de modo que cada caso incluía três enormes volumes que permitiam o exame de todas as variáveis.

Sucessivas análises quantitativas e qualitativas realizadas por Wallerstein e vários colaboradores evidenciaram as significativas melhoras obtidas por ambas as formas de tratamento, mas mostraram alguns achados diferentes do que se poderia esperar, ou do que é usualmente considerado: as estratégias de apoio resultavam em algumas mudanças estruturais tão duráveis quanto as produzidas por estratégias interpretativas e nas análises havia mais intervenções de apoio do que se poderia esperar, ou do que é ensinado ou recomendado. Wallerstein sugeriu, então, que não se deveria idealizar o *insight* e destacou que elementos interpretativos e de apoio costumam estar entrelaçados e que aspectos de apoio e relacionais não deveriam ser denegridos (Kernberg, 2007).

Quem participa ou acompanha o desenvolvimento da pesquisa psicanalítica ou em psicoterapia pode constatar como os achados desse monumental estudo contribuíram para estimular novos estudos e que suas conclusões foram reiteradamente observadas em pesquisas nas décadas seguintes em diferentes centros internacionais, inclusive em nosso meio.

Em termos organizacionais, Wallerstein incluiu discussões sobre a pesquisa psicanalítica nos congressos da IPA, e na gestão de Kernberg foi criado um comitê de pesquisa, sendo Wallerstein o primeiro coordenador do Comitê Consultor de Pesquisa, o órgão encarregado de avaliar projetos e destinar verbas para os mesmos. Esta é uma área de contínua controvérsia na comunidade psicanalítica, pois há dúvidas sobre a real relevância e utilidade das verbas gastas com esses estudos, bem como com sua aplicação para a prática psicanalítica.

Tendo participado desse desenvolvimento, em vários níveis da estrutura da IPA, considero que tanto a pesquisa empírica, quanto a conceitual e a clínica têm seu papel a desempenhar e sua relevância, tanto no âmbito da psicanálise propriamente dita como em suas relações com a universidade e a comunidade mais ampla, mas cada vez mais me parece que a clínica psicanalítica é o *locus* onde essencialmente se define a relevância e a vitalidade de nossa disciplina. Talvez Wallerstein tenha hiperdimensionado a importância da pesquisa, mas neste caso, como em outros, manteve-se coerente com seus princípios e sua avaliação do que lhe parecia essencial ao futuro da psicanálise.

Bob Wallerstein foi também um ativo protagonista e personagem relevante no desenvolvimento da psicoterapia de orientação analítica, uma contribuição predominantemente norte-americana para a expansão e maior abrangência da aplicação dos conceitos psicanalíticos a setores mais amplos da população. Segundo ele, ao longo das décadas de relacionamento entre psicanálise e psicoterapia, o primeiro período considerava tudo o que não fosse psicanálise como apenas sugestão. No período seguinte, foram estabelecidas claramente diferenças de objetivos e técnicas, dentro de uma unidade de teoria. Com o aprofundamento e a clarificação da natureza das psicoterapias analíticas e as pesquisas que evidenciavam crescentes áreas de superposição, como a da Menninger, surgiu o período de consenso fragmentado. Mais recentemente, observa-se, num quarto período, o não consenso, em que cada vez mais há uma noção da dificuldade de estabelecer limites precisos entre as duas abordagens.

Percebe-se, assim, que a ação terapêutica, as abordagens técnicas e mesmo os resultados das psicoterapias mostram muito mais complexidade em sua correta avaliação do que se supunha. Estudos clínicos comparados e pesquisas realizadas em vários centros do mundo têm promovido discussões teóricas mais abertas e sem a pretensa certeza dos períodos iniciais (Wallerstein, 2014).

Em seu discurso de abertura do congresso de Montreal, de 1987, intitulado *Uma psicanálise ou muitas?*, Wallerstein lançou uma ideia que por muitos anos movimentou as discussões da comunidade psicanalítica, parte das quais se encontra em seu livro *The common ground of psychoanalysis* (1992). Partiu de uma questão

básica: com a proliferação de diferentes e divergentes escolas e autores e sua crescente diversidade conceitual, os psicanalistas poderiam ainda se considerar membros de uma ciência e de uma profissão psicanalíticas compartilhadas?

A resposta que propôs baseou-se na distinção que George Klein sugeriu entre os fenômenos clínicos e as teorias clínicas que os descrevem, por um lado, e a teoria geral (metapsicologia) que se propõe a explicar tais fenômenos, por outro. Sua proposta toma a teoria clínica do conflito e da solução de compromisso, do impulso e da defesa, da ansiedade e da resistência, da transferência e da contratransferência como os dados compartilhados, ou seja, o solo comum de nossas preocupações clínicas, aos quais todos nos referimos de formas mais ou menos comparáveis em nossos consultórios. Contudo, as teorias gerais (nossas várias metapsicologias) representam os diferentes enquadres explanatórios aos quais aderimos, de formas diferentes, a partir de nossas formações diferentes e personalidades distintas, em nossos esforços para entendermos de forma abrangente como nossas mentes funcionam e podem ser influenciadas (Wallerstein, 1992, 2011).

Naturalmente, as discussões que se seguiram, e de certa forma ainda seguem, não cabem no espaço deste texto, mas uma das mais estimulantes foi a controvérsia entre Wallerstein e André Green acerca da possibilidade ou não da pesquisa psicanalítica. Cada um deles representa uma cultura psicanalítica diferente, tendo sido possivelmente os principais líderes de duas formas de visualizar a psicanálise.

Wallerstein (2005), segundo destaquei acima, defendia a existência de um solo comum da psicanálise, acreditando que o pluralismo, ou seja, a existência de distintas teorizações ou metapsicologias poderia não ser uma tendência permanente. Ao contrário, propunha que as teorias convergiriam progressivamente para um solo comum em expansão. Defendia que a psicanálise é uma ciência e deveria ser capaz de encontrar seu lugar entre as distintas disciplinas científicas, equipadas com as metodologias que tornam possível a pesquisa empírica.

Green (2005), por sua vez, considerava a ideia de um solo comum uma ilusão e um mito. Destacava que as pessoas que se filiam a diferentes teorias são positivamente incapazes de ouvir o outro, e cada uma apenas reafirma seu ponto de vista de forma repetitiva. Defendia a ideia de que a psicanálise não é uma ciência ou um ramo da hermenêutica, mas uma prática baseada no pensamento clínico, levando a hipóteses teóricas. O único procedimento válido, segundo ele, seria partir do material clínico detalhado de várias sessões e procurar verificar como tal processo analítico pode revelar ou não afinidade entre duas teorias que se baseiam em distintas técnicas e interpretações.

De minha parte, quando ocupei o posto que fora de Wallerstein, procurei oferecer uma noção alternativa e intermediária, de que a psicanálise é uma obra em construção permanente, uma disciplina em movimento, vinculada ao tempo e à história, na qual seus pressupostos teóricos são criticamente discutidos e revisados e seus modelos de formação reexaminados. Esse movimento significava também uma busca de maior transparência e detalhe na formulação, apresentação e discussão do material clínico, com o objetivo de avaliar nossa competência clínica como analistas, bem como uma maior abertura para o diálogo com outras áreas do conhecimento. A essa zona intermediária entre as duas noções em discussão, sugeri chamar uma obra em progresso (Eizirik, 2006).

O cenário contemporâneo, de fato, parece dar mais razão a Green do que a Wallerstein, porque as providências e iniciativas tomadas em 2005¹ e nos anos e gestões seguintes têm privilegiado cada vez mais as discussões clínicas, os intercâmbios inter-regionais e a busca do diálogo e da escuta entre as diferentes abordagens.

No âmbito institucional, a mais notável contribuição de Wallerstein foi seu papel nas difíceis e intensas negociações decorrentes do processo instaurado por um grupo de quatro psicólogos contra a Associação Psicanalítica Americana, em 1985. Baseando-se na lei antitruste, alegavam que essa Associação conspirava ilegalmente para monopolizar a formação de analistas apenas para médicos, desta forma impedindo-os, e a milhares de psicólogos qualificados, de terem acesso a um meio legítimo de exercer essa atividade, assim privando-os de ganhos profissionais. A IPA foi também processada, com a alegação de permitir que a Associação Americana mantivesse tais práticas ilegais e impróprias. Este processo durou quase toda a administração de Wallerstein e exigiu-lhe toda a habilidade, paciência, tolerância e capacidade de negociação face à intransigência das partes envolvidas e ao sério risco de uma cisão da IPA, pois as sociedades europeias se mostravam cada vez mais impacientes com a posição inflexível da Americana em chegar a um acordo. Quase ao final de seu mandato, foi possível um acordo, mas nesse processo a IPA gastou uma enorme soma e passou por inúmeras situações de confronto e ameaça de fragmentação. Por fim, a Associação Americana aceitou a formação de não médicos, bem como o estabelecimento de outros grupos analíticos naquele país, constituídos predominantemente de psicólogos (Wallerstein, 2011).

¹ O autor se refere ao programa CAPSA, que organizou e financiou intercâmbios clínicos e teóricos entre analistas e sociedades das três regiões geográficas, bem como ao estímulo aos *working parties* nas três regiões e nos congressos psicanalíticos.

Desde a primeira vez em que entrei em contato com Bob Wallerstein, quando era um jovem residente de psiquiatria, na década de setenta, e tivemos a oportunidade de ouvi-lo, supervisionar casos e escutar seu entusiasmo pela pesquisa, no saudoso Centro Psiquiátrico Melanie Klein e nos sucessivos contatos posteriores, até o último, em novembro de 2013, sua personalidade se manteve com o mesmo vigor, curiosidade e amor pela psicanálise. Muitas vezes tive o prazer de encontrá-lo em congressos e outras circunstâncias, em geral acompanhado por sua esposa, Judy, ela também uma destacada pesquisadora. Em todas essas ocasiões sua prodigiosa memória levava-o a perguntar por cada um dos colegas com quem convivera em Porto Alegre.

Numa das Assembleias Administrativas da IPA, no congresso de São Francisco, em 1995, eu estava sentado ao seu lado, quando um grupo de colegas iniciou um movimento de contestar os resultados da eleição recém realizada, o que poderia levar a uma crise de imprevisível desfecho. De alguma forma trocamos um olhar, e ficou evidente que alguém deveria fazer algo para tentar mudar o curso da situação. Wallerstein olhou ao redor, procurando alguém para a missão, depois me disse que não poderia falar, pois estava envolvido demais, e sugeriu, para minha perplexidade, que eu falasse, o que acabou ocorrendo e tendo algum efeito positivo. Neste episódio, como em outros, pode-se destacar o estilo de liderança que caracterizou Bob Wallerstein: ele sugeria, escutava, estimulava, acolhia, não se revelava autoritário ou ameaçador, mas sua autoridade vinha do respeito que quase todos lhe devotavam. Guardo com afeição as várias cartas que me enviava, de tempos em tempos, sugerindo alguma medida, lembrando algo que poderia ser feito, contando algum fato, alegre ou triste, de sua vida. Mas também sabia defender com firmeza suas posições e seus princípios, tendo sido, ao longo de sua trajetória, alvo do ataque de alguns, – na verdade, poucos – Cromwells.

Em nosso último encontro, ele já com 92 anos, levou-nos para jantar num agradável restaurante à beira-mar, dirigindo seu automóvel pelas sinuosas estradas de Belvedere. Foi uma longa conversação, em que relatou, com tristeza, a perda recente da esposa, mas evidenciando que seguia atualizado com tudo o que ocorria na psicanálise internacional, atento e disposto a continuar colaborando, aconselhando e estimulando. Ao sairmos do restaurante, não pude deixar de vê-lo como um desses carvalhos fortes e frondosos, a cuja sombra centenas de analistas se desenvolveram, abrigaram e encontraram estímulo e inspiração. □

Abstract

Robert Wallerstein: a psychoanalyst for all seasons

The author makes a profile on the psychoanalytical trajectory of Robert Wallerstein, emphasizing his main contributions to the fields of theory, research, relations with psychotherapy, and institutional activity, critically examining some of those aspects, coloring them with memories of their times together.

Keywords: psychoanalyses, common grounds of psychoanalysis, psychoanalytic research, analytically orientated psychotherapy.

Resumen

Robert Wallerstein: un psicoanalista para todas las estaciones

El autor describe un perfil del recorrido psicoanalítico de Robert Wallerstein, poniendo de relieve sus principales aportes a los terrenos de la teoría, de la investigación, de las relaciones con la psicoterapia y de la actividad institucional, examinando críticamente algunos de esos aspectos, ilustrándolos con recuerdos de su convivio personal.

Palabras clave: psicoanálisis, el suelo común del psicoanálisis, investigación psicoanalítica, psicoterapia de orientación analítica.

Referências

- Eizirik, C. L. (2006). Psychoanalysis as a work in progress. *Int. J. Psycho-anal.*, 87: 645-50.
- Eizirik, C. L. (2007). Foreword. In W. Bucci, N. Freedman, *From impression to inquiry*. London: IPA, 280 p.
- Green, A. (2005). The illusion of common ground and mythical pluralism. *Int. J. Psycho-anal.*, 86: 627-32.
- Kernberg, O. (2007). Bob Wallerstein in Topeka. In W. Bucci, N. Freedman, *From impression to inquiry*. London: IPA, 280 p.
- Wallerstein, R. (1986). *Forty-two lives in treatment*. New York: Guilford, 784 p.
- Wallerstein, R. (1992). *The common ground of psycho-analysis*. Northvale, New Jersey, London: Jason Aronson, 320 p.

- Wallerstein, R. (2005). Will psychoanalytic pluralism be an enduring state of our discipline? *Int. J. Psych anal.*, 86: 623-626.
- Wallerstein, R. (2011). The IPA administration from 1985 to 1989: organizational unity maintained. In P. Loewenberg, N. Thompson, *100 Years of the IPA*. London: IPA, Karnac, 560 p.
- Wallerstein, R. (2014). Psicanálise e psicoterapia de orientação analítica: raízes históricas e situação atual. In C. L. Eizirik, R. W. Aguiar, S. S. Schestatsky, *Psicoterapia de orientação analítica*. Porto Alegre: Artmed, 855 p.

Recebido em 03/02/2015

Aceito em 04/03/2015

Revisão técnica de **Cristiano Freitas Frank**

Cláudio Laks Eizirik

Rua Marquês do Pombal, 783/307

90540-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: ceizirik.ez@terra.com

© Revista de Psicanálise – SPPA